

PREFÁCIO À EDIÇÃO PORTUGUESA

Ideologia de género: Um tremendo «erro da mente humana»^{NE}

(Papa Francisco)

1. Por via da globalização tecnológica e económica, o mundo inteiro (e de uma forma particular o chamado «mundo ocidental») tem sido sujeito nos últimos 20 anos a uma profunda e aparentemente imparável revolução cultural.

Com efeito, para que fosse bem-sucedida, a globalização tecnológica e económica antes iniciada necessitava de uma «padronização» do humano no que respeita aos critérios e valores de vida dos indivíduos e das sociedades. Sem tal uniformidade, a globalização careceria de suporte vital, e poderia ser facilmente posta em causa. É neste movimento de imposição da uniformidade tecnológico-humana que se integra aquela a que se convencionou chamar «ideologia de género». Trata-se, neste caso, de impor a todos o desaparecimento das dife-

^{NE} Papa Francisco, num encontro no passeio marítimo de Caracciolo: <https://www.acidigital.com/noticias/ideologia-de-genero-e-um-erro-da-mente-humana-assinala-o-papa-88036>

renças e complementaridades que a realidade biológica traz consigo, em favor de uma presumível capacidade do ser humano para criar, a partir da cultura, um mundo assexuado e tolerante – assumindo que a diferença sexual é uma das principais fontes da violência – utopicamente mais pacífico mas, de facto, fonte de conflitos não apenas entre pessoas ou entre impérios mas também (e bem mais grave) entre o ser humano e a sua própria natureza.

Claro que a globalização não se confunde necessariamente com a ideologia de género. Mas esta é, de facto, um dos seus aspetos, bastando ver como as grandes multinacionais da tecnologia informática então empenhadas na divulgação do *gender*. Claro que é possível defender a globalização ou alguns dos seus aspetos positivos e recusar a ideologia de género. Mas a sua simultaneidade não deixa de ser significativa e de impedir qualquer ingenuidade.

Esta revolução cultural tem servido de veículo para introduzir a nível planetário modos de vida que colocam em causa e procuram substituir atitudes e valores dados como adquiridos até há relativamente pouco tempo, e que foram fruto de um longo caminho de toda a humanidade, pedras miliare das diferentes civilizações: a diferenciação sexual, a realidade familiar, a organização da própria sociedade humana. O mesmo é dizer: o *gender* coloca em causa a realidade humana, procurando apontar e impor o seu caminho como se de uma evolução se tratasse e, desse modo, como se constituísse um «progresso inevitável», quando, de facto, ela constitui «um passo atrás» na própria civilização, como afirmou o Papa Francisco.

Pela primeira vez na história podemos estar a assistir a uma mudança da natureza humana causada por um conjunto de ideias que tem por finalidade justificar comportamentos de uma minoria detentora dos meios tecnológicos, com capacidade de influência no resto da sociedade e com os meios materiais que possibilitam essa ditadura. O «humano» está a ser redesenhado segundo uma agenda clara, imposta a partir de padrões que coincidem com uma determinada conceção da existência. No passado, as «mudanças de época» eram fruto de um conjunto mais ou menos inconsciente de fatores, e advertidas só depois de terem acontecido. Ao contrário, a revolução cultural a que hoje

assistimos é planeada e executada de uma forma consciente e prévia – com pensamento e ação – a que não faltam sequer «manuais práticos do ativista», acessíveis a quantos estejam na disposição de os ler.

A ideologia de género é-nos bombardeada nos *media* e no cinema; nas escolas e na literatura; na legislação e nos *opinion makers*. Os políticos não se atrevem sequer a opor-se-lhe. Tem invadido o pensamento (apesar de ser bastante frágil a esse nível) e, sobretudo, o «senso comum» (a não confundir com «bom senso»), usando não raras vezes conceitos cristãos a que foi deturpado o sentido, ideias feitas e facilmente assimiláveis, chavões que prometem um mundo melhor; é uma utopia imposta e passivamente aceite porque mais fácil e (aparentemente) mais capaz de chegar a um «maior denominador comum», com todos os riscos das utopias impostas que a história do século XX demonstrou.

É claro que a aceitação desta revolução cultural traz consigo a promessa de entrar num mundo de luz, cor, fantasia, virtualidade, conquistas, onde poderíamos «fazer de conta» que somos os donos do mundo e de nós próprios. E, por outro lado, os seus promotores não hesitam em perseguir, catalogar impiedosamente com adjetivos ferozes, marginalizar social e profissionalmente toda e qualquer resistência que se lhe oponha¹.

Para esta nova arquitetura confluem alguns interesses (por vezes aparentemente antagónicos) que não deixam de lhe garantir o sucesso que tem conhecido: desde os defensores da supremacia branca norte-americana aos nostálgicos revolucionários europeus do Maio de 68, passando pelo mundo das estrelas do cinema, da música e do desporto, com o fascínio que exercem nos seus seguidores, com os seus egos excêntricos e as suas vidas habitualmente dramáticas, mas também com a oferta populista de uma autojustificação fácil no seio de uma vida de curtos horizontes.

¹ Veja-se, por exemplo, em Portugal, a perseguição a que foi sujeita a psicóloga Maria José Vilaça (cf. Comunicado da Ordem dos Psicólogos Portugueses de 13 de novembro de 2016), por causa de declarações à revista *Família Cristã* (novembro de 2016) que culminaram num processo disciplinar.

2. Ao longo do seu magistério, o Papa Francisco não se tem furtado a desmascarar de uma forma clara e impiedosa esta presumível «senda de progresso», afirmando claramente que «corremos o risco de dar um passo atrás» no caminho da humanidade.

Uma breve leitura da exortação apostólica *Amoris Laetitia*, complementada com outras intervenções do Santo Padre, torna claro o pensamento do Papa a este propósito. Vejamos o n.º 56 da exortação, todo ele dedicado à *ideologia de género* (*gender*), e em que o Santo Padre faz eco de algumas afirmações do Sínodo dos Bispos sobre a Família:

«Outro desafio surge de várias formas duma ideologia genericamente chamada *gender*, que “nega a diferença e a reciprocidade natural de homem e mulher. Prevê uma sociedade sem diferenças de sexo, e esvazia a base antropológica da família. Esta ideologia leva a projetos educativos e diretrizes legislativas que promovem uma identidade pessoal e uma intimidade afetiva radicalmente desvinculadas da diversidade biológica entre homem e mulher. A identidade humana é determinada por uma opção individualista, que também muda com o tempo”. Preocupa o facto de algumas ideologias deste tipo, que pretendem dar resposta a certas aspirações por vezes compreensíveis, procurarem impor-se como pensamento único que determina até mesmo a educação das crianças. É preciso não esquecer que “sexo biológico” (*sex*) e função sociocultural do sexo (*gender*) podem distinguir-se, mas não separar-se».

O Papa Francisco aponta pois à «ideologia *gender*» – ou «ideologia de género» – quatro problemas essenciais: 1) Ela nega a diferença e a reciprocidade natural de homem e mulher; 2) Ela esvazia a base antropológica da família com inevitáveis efeitos sociais; 3) Ela desvincula a identidade pessoal da diversidade biológica; 4) Ela é habitualmente a imposição colonizadora de um pensamento.

Em primeiro lugar, segundo a *Amoris Laetitia*, a *ideologia de género* nega a diferença e a complementaridade/reciprocidade natural entre

o homem e a mulher. De acordo com o Papa Francisco², a diferença/complementaridade sexual constitui um dado da criação presente na longa escala dos seres vivos. E acrescenta ainda o Papa: «mas unicamente no homem e na mulher ela tem em si a imagem e a semelhança de Deus» – e não apenas nos homens e nas mulheres tomados singularmente; «como casal, são imagem de Deus»; a diferença homem-mulher é uma diferença «para a comunhão e para a geração».

Esta diferença é, sempre de acordo com o Papa Francisco, um dado da própria experiência quotidiana, que não necessitaria, sequer, da afirmação bíblica (Gn 1, 27): trata-se de uma evidência em vários domínios, dos quais o Papa particulariza os do pensamento e da ação, dos afetos e do trabalho e também da fé. Estas diferença e simultânea complementaridade foram potenciadas pela cultura moderna e contemporânea em diversos aspetos da vida. Por isso o Santo Padre não deixa de se interrogar retoricamente sobre até que ponto a *ideologia de género* não constituirá a «expressão de uma frustração e resignação, que visa cancelar a diferença sexual porque já não sabe confrontar-se com ela». E não hesita em afirmar: «corremos o risco de dar um passo atrás».

Em vez de anular a diferença, importaria hoje, segundo o Santo Padre, olhar com mais atenção para o «génio feminino», ainda grandemente desperdiçado na sociedade e na Igreja: «a mulher sabe ver tudo com outros olhos, que completam o pensamento dos homens. Trata-se de uma senda que devemos percorrer com mais criatividade e audácia». E, a 27 de outubro de 2016³, o Papa Francisco não deixou de qualificar como «desconcertante» que a cultura contemporânea «pareça quase bloqueada por uma tendência a cancelar a diferença, em vez de resolver os problemas que a mortificam». Não espanta pois que o Santo Padre afirme também que:

«Não é correta a hipótese, recentemente proposta, de voltar a abrir o caminho para a dignidade da pessoa neutralizando de maneira

² Cf. catequese da Audiência Geral de 15 de abril de 2015.

³ À *Comunidade do Pontifício Instituto João Paulo II para Estudos sobre Matrimónio e Família*.

radical a diferença sexual e, por conseguinte, a compreensão do homem e da mulher. Em vez de contrastar as interpretações negativas da diferença sexual, que mortificam o seu valor irreduzível para a dignidade humana, deseja-se efetivamente anular esta diferença, propondo técnicas e práticas que a tornam irrelevante para o desenvolvimento da pessoa e para os relacionamentos humanos. Mas a utopia do “neutro” remove tanto a dignidade humana da constituição sexualmente diferente como, ao mesmo tempo, a qualidade pessoal da transmissão generativa da vida. Assim, a manipulação biológica e psíquica da diferença sexual, que a tecnologia biomédica deixa entrever como completamente disponível para a escolha da liberdade – mas não é assim! – corre o risco de desmantelar a fonte de energia que alimenta a aliança entre o homem e a mulher, e que a torna criativa e fecunda⁴.

Em segundo lugar (como vimos atrás), o Papa aponta à *ideologia do género* o problema de *esvaziar a base antropológica da família, com inevitáveis efeitos sociais*. Tais efeitos começam por se fazer sentir na família (que se ressent da «guerra» que lhe é movida) e terminam numa sociedade constituída por egos isolados uns dos outros.

Em Nápoles⁵, o Papa Francisco reconheceu que a família passa hoje por uma crise: crise porque o casamento não está «na moda», mas crise também por causa daquele «erro da mente humana que é a teoria do *gender*, e que cria tanta confusão. Deste modo, a família está sob ataque⁶.

Mas não apenas a família. Também a própria sociedade, porque a família «é o ventre insubstituível da iniciação à aliança entre Criador e criatura, do homem e da mulher». É esta realidade que se reflete depois em toda a sociedade humana, nos diversos vínculos comunitários e sociais:

⁴ *Aos Participantes na Assembleia Geral dos Membros da Pontifícia Academia para a Vida*, 5 de outubro de 2017.

⁵ 21 de março de 2015.

⁶ Nápoles, 21 de março de 2015.

«A correlação profunda entre as figuras familiares e as formas sociais desta aliança – na religião e na ética, no trabalho, na economia e na política, no cuidado da vida e no relacionamento entre as gerações – já é uma evidência global. Com efeito, quando as coisas correm bem entre homem e mulher, também o mundo e a história estão bem. Caso contrário, o mundo torna-se inóspito e a história interrompe-se»⁷.

Por isso, defende ainda o Santo Padre na *Amoris Laetitia*, na sequência de afirmações do Sínodo dos Bispos para a Família:

«No decurso dos debates sobre a dignidade e a missão da família, os Padres sinodais anotaram, quanto aos projetos de equiparação ao matrimónio das uniões entre pessoas homossexuais, que não existe fundamento algum para assimilar ou estabelecer analogias, nem sequer remotas, entre as uniões homossexuais e o desígnio de Deus sobre o matrimónio e a família» (*AL*, n.º 251).

Compreendemos, deste modo, as afirmações do Papa Francisco na encíclica *Laudato Si'*:

«A ecologia humana implica também algo de muito profundo que é indispensável para se poder criar um ambiente mais dignificante: a relação necessária da vida do ser humano com a lei moral inscrita na sua própria natureza. Bento XVI dizia que existe uma “ecologia do homem”, porque “também o homem possui uma natureza, que deve respeitar e não pode manipular como lhe apetece”. Nesta linha, é preciso reconhecer que o nosso corpo nos põe em relação direta com o meio ambiente e com os outros seres vivos. A aceitação do próprio corpo como dom de Deus é necessária para acolher e aceitar o mundo inteiro como dom do Pai e casa comum; pelo contrário, uma lógica de domínio sobre o próprio corpo transforma-se numa lógica, por vezes subtil, de domínio sobre a criação.

⁷ À Assembleia Geral da Pontifícia Academia para a Vida, 27 de outubro de 2016.

«Aprender a aceitar o próprio corpo, a cuidar dele e a respeitar os seus significados é essencial para uma verdadeira ecologia humana. Também é necessário ter apreço pelo próprio corpo na sua feminilidade ou masculinidade, para se poder reconhecer a si mesmo no encontro com o outro que é diferente. Assim, é possível aceitar com alegria o dom específico do outro ou da outra, obra de Deus criador, e enriquecer-se mutuamente. Portanto, não é salutar um comportamento que pretenda “cancelar a diferença sexual, porque já não sabe confrontar-se com ela” (n.º 155).

Em terceiro lugar, como vimos, no n.º 56 da exortação *Amoris Laetitia*, o Papa Francisco apontava à *ideologia de gênero* o facto de ela desvincular a identidade pessoal da diversidade biológica. Ainda naquela exortação pós-sinodal, depois de apresentar uma visão positiva da sexualidade humana na sequência do que foi afirmado pelos Papas anteriores⁸, o Santo Padre não deixou de reconhecer como não raras vezes a sexualidade humana se «despersonaliza e enche de patologias», tornando-se antes «afirmação do próprio eu e satisfação egoísta dos próprios desejos e instintos» (*AL*, n.º 153). Mas acrescenta ainda, numa clara referência ao egoísmo e ao individualismo com que não raras vezes se olha hoje para a sexualidade humana:

«Neste tempo, também a sexualidade corre grande risco de se ver dominada pelo espírito venenoso do “usa e joga fora”. Com frequência, o corpo do outro é manipulado como uma coisa que se conserva enquanto proporciona satisfação e se despreza quando perde atrativo. Pode-se porventura ignorar ou dissimular as formas constantes de domínio, prepotência, abuso, perversão e violência sexual que resultam de uma distorção do significado da sexuali-

⁸ Cf. por exemplo, *AL*, n.º 151: «Nas suas catequeses sobre a teologia do corpo humano, São João Paulo II ensinou que a corporeidade sexuada “é não só fonte de fecundidade e de procriação”, mas possui “a capacidade de exprimir o amor: exatamente aquele amor em que o homem-pessoa se torna dom”. O erotismo mais saudável, embora esteja ligado a uma busca de prazer, supõe a admiração e, por isso, pode humanizar os impulsos».

dade e sepultam a dignidade dos outros e o apelo ao amor sob uma obscura procura de si mesmo? [...]

Quando o bem precioso da pertença recíproca se transforma em domínio, “muda essencialmente a estrutura de comunhão na relação interpessoal”. Na lógica do domínio, o dominador acaba também negando a sua própria dignidade e, em última análise, deixa “de identificar-se subjetivamente com o próprio corpo”, porque lhe tira todo o significado. Vive o sexo como evasão de si mesmo e como renúncia à beleza da união» (AL, n.ºs 153 e 155).

Com efeito, a cultura contemporânea, segundo o Papa Francisco, «exalta o individualismo narcisista, uma conceção da liberdade separada da responsabilidade pelo outro, um aumento da indiferença em relação ao bem comum»⁹. Disse-o ainda o Papa noutra ocasião¹⁰, referindo-se à «egolatria» criada pela cultura contemporânea:

«A característica emblemática desta passagem pode ser reconhecida, de modo resumido, no rápido difundir-se de uma cultura obcecadamente centrada na soberania do homem – quer como espécie, quer como indivíduo – em relação à realidade. Alguns chegam a falar de egolatria, ou seja, de um verdadeiro culto do ego, sobre cujo altar são sacrificadas todas as coisas, inclusive os afetos mais queridos. Esta perspetiva não é inócua: ela plasma um sujeito que se contempla continuamente ao espelho, a ponto de se tornar incapaz de dirigir o olhar para os outros e para o mundo. A propagação desta atitude tem consequências extremamente graves para todos os afetos e vínculos da vida» (cf. encíclica *Laudato Si'*, n.º 48).

Ao contrário, o Papa Francisco sublinha a necessidade de «ajudar a aceitar o seu [próprio] corpo como foi criado», com apreço pela sua feminilidade ou masculinidade, «para se poder reconhecer a si mesmo no encontro com o outro que é diferente» – o mesmo é dizer, para

⁹ 25 de outubro de 2016.

¹⁰ 5 de outubro de 2017.

abandonar práticas e tendências egoístas e individualistas. Com efeito, é deste modo apenas que «é possível aceitar com alegria o dom específico do outro ou da outra, obra de Deus criador, e enriquecer-se mutuamente», «perdendo o medo à diferença». E acrescenta: «A educação sexual deve ajudar a aceitar o próprio corpo, de modo que a pessoa não pretenda “cancelar a diferença sexual, porque já não sabe confrontar-se com ela”» (AL, n.º 285).

Por fim, o Santo Padre denuncia a imposição da ideologia de género e as características de ditadura que lhe vêm associadas. É aquilo a que o Papa chama «colonização ideológica»: «É “inaceitável que as igrejas locais sofram pressões nesta matéria e que os organismos internacionais condicionem a ajuda financeira aos países pobres à introdução de leis que instituem o “matrimónio” entre pessoas do mesmo sexo» (AL, n.º 251). O Papa referiu-se várias vezes a esta colonização de um modo muito claro. Disse-o, por exemplo, em Manila, no Encontro Mundial das Famílias¹¹:

«Enquanto muitas pessoas vivem em pobreza extrema, outras caem nas malhas do materialismo e de estilos de vida que abolem a vida familiar e as exigências mais fundamentais da moral cristã. Estas são as colonizações ideológicas. A família está ameaçada também pelos crescentes esforços de alguns em redefinir a própria instituição do matrimónio mediante o relativismo, a cultura do efémero, a falta de abertura à vida».

De regresso a Roma, quatro dias depois, o Papa Francisco esclareceu estas suas afirmações, a pedido de um jornalista¹², dizendo claramente que se referia à teoria do *gender* e denunciando o modo como ela procura entrar nas culturas:

«Porque falo de “colonização ideológica”? Porque agarram-se precisamente à necessidade dum povo: aproveitam-se das crianças

¹¹ 16 de janeiro de 2015.

¹² Jan-Christoph Kitzler, ARD.

para ali entrar e consolidar-se. Mas isto não é novo. Fizeram o mesmo as ditaduras do século passado; entraram com a sua doutrina. Pensai nos “Balilla”, pensai na Juventude Hitleriana... Colonizaram o povo; queriam fazê-lo. Mas, quanto sofrimento! Os povos não devem perder a liberdade. O povo tem a sua cultura, a sua história; cada povo tem a sua cultura. Mas, quando chegam condições impostas pelos impérios colonizadores, procuram fazer com que os povos percam a sua identidade para se criar uniformidade. Esta é a globalização da esfera: todos os pontos são equidistantes do centro. Mas a verdadeira globalização – como gosto de dizer – não é a da esfera. É importante globalizar, não como a esfera, mas como o poliedro, isto é, que cada povo, cada parte mantenha a sua identidade, o seu ser, sem acabar colonizada ideologicamente. Estas são as “colonizações ideológicas”».

Igualmente clara foi a resposta do Santo Padre a um bispo polaco durante a sua permanência em Cracóvia, para as Jornadas Mundiais da Juventude¹³:

«Gostaria de concluir com um aspeto concreto, porque por detrás dele estão as ideologias. Na Europa, nos Estados Unidos, na América Latina, em África, nalguns países da Ásia, existem verdadeiras colonizações ideológicas. E uma delas – digo-a claramente por “nome e apelido” – é o *gender*! Hoje às crianças – às crianças! –, na escola, ensina-se isto: o sexo, cada um pode escolhê-lo. E porque ensinam isto? Porque os livros são os das pessoas e instituições que te dão dinheiro. São as colonizações ideológicas, apoiadas mesmo por países muito influentes. E isto é terrível. Em conversa com o Papa Bento – que está bem e tem um pensamento claro – dizia-me ele: “Santidade, esta é a época do pecado contra Deus Criador”. É inteligente! Deus criou o homem e a mulher; Deus criou o mundo assim, assim e assim; e nós estamos a fazer o contrário. Deus deu-nos um estado “inculto” para que o fizéssemos

¹³ 27 de julho de 2016.

tornar-se cultura; e depois, com esta cultura, fazemos as coisas que nos levam ao estado “inculto”! Devemos pensar naquilo que disse o Papa Bento: “É a época do pecado contra Deus Criador”!¹⁴.

Nesta mesma linha, alguns meses depois, também numa visita pastoral, desta feita à Geórgia e ao Azerbaijão e em resposta à questão de uma jovem, dizia o Papa Francisco: «Mencionaste um grande inimigo atual do casamento: a teoria do *gender*. Hoje está em ato uma guerra mundial para destruir o casamento. Hoje existem colonizações ideológicas que o destroem, não com as armas, mas com as ideias. Por isso, é preciso defender-se das colonizações ideológicas»¹⁵.

3. Para os seus defensores, o *gender* é parte essencial da linha do progresso, e este um movimento imparável, irreversível. Mas nós não podemos deixar de colocar a questão sobre se queremos ou não aceitar esta mudança com a passividade que nos exigem. Depois, somos ainda confrontados com aquela outra interrogação sobre a atitude a tomar: a simples resistência ou a proposição de novas realidades mais fiéis à natureza humana? E, principalmente, encontramos o Evangelho – aquela Pessoa de Cristo que um dia nos encontrou e que nós convidámos a permanecer connosco, nestes dias em que o Sol parece escurecer e, uma vez mais, negar a realidade do mundo novo que a Ressurreição nos oferece.

Que atitudes tomar? A primeira atitude não pode deixar de ser a denúncia desta «colonização ideológica», da aparência fácil mas falsa de uma ideologia que subverte o próprio ser humano e que tudo pretende normalizar, destruindo a diferença e a complementaridade que marcam a criação.

É necessário ainda mostrar a sua incoerência; é necessário denunciar as ideias feitas e os chavões à primeira vista atraentes mas que se revelam becos sem saída para os seres humanos e para as sociedades e civilizações. Verdadeiros retrocessos humanos.

¹⁴ 27 de julho de 2016.

¹⁵ 1 de outubro de 2016.

Mas, depois, é também essencial mostrar a felicidade (mesmo que não fácil) da vida humana que aceita a diferença entre homens e mulheres com toda a sua riqueza e complementaridade. Porque, muito mais que raciocínios, convence o testemunho. Torna-se evidência.

Claro que na cultura em que tudo parece fácil e à disposição da vontade humana se torna bem mais difícil esse testemunho. Mas não podemos deixar de dá-lo, por coerência com o Evangelho, por coerência com a nossa natureza humana e certos de que o progresso não passará nunca por uma globalização uniforme que imponha a todos uma «civilização do neutro».

Gabriele Kuby, neste seu livro, procura fazer tudo isto com o ardor (mas também com a informação) de quem apaixonadamente recusa perder a liberdade. Ela é, como bem classificou o Papa Bento XVI, «uma lutadora contra a ideologia que, em última análise, terá como consequência a destruição do humano».

Dom Nuno Brás



PREFÁCIO À EDIÇÃO ITALIANA

A proposta cultural feita no presente livro de Gabriele Kuby é um potente convite a sair do torpor da razão que nos está a levar à perda da liberdade, ou seja de nós mesmos. E Jesus já nos tinha advertido de que esta é a perda mais trágica, a perda de nós mesmos, mesmo que, com ela, ganhássemos o mundo inteiro.

Ao ler cada página, ressoavam dentro de mim as palavras daquele que seduz toda a terra: «Sereis como Deus, ficando a conhecer o bem e o mal» (Gn 3, 5). A pessoa humana elevou-se a si mesma como autoridade moral soberana: sou eu quem estabelece o que está bem e o que está mal. É uma liberdade enlouquecida. Em sentido literal: uma liberdade sem *logos*.

Mas, se este é o pano de fundo, se assim posso dizer, teórico, de todo o livro, esta liberdade contempla a destruição da última realidade que a desafia; e mostra como uma liberdade enlouquecida gera gradualmente a mais devastadora das tiranias. Explico-me.

David Hume escreveu que os factos são teimosos: teimosamente, contestam qualquer ideologia. A autora sustenta, penso que com razão, que a última barreira que a liberdade enlouquecida deve destruir é tanto a natureza sexual da pessoa humana na sua dualidade

homem-mulher como a sua razoável instituição constituída pelo matrimónio monogâmico e pela família. Pois bem, a liberdade enlouquecida está hoje a destruir a sexualidade humana natural, e, portanto, o matrimónio e a família. As páginas dedicadas a esta destruição são de notável profundidade.

Mas há um outro tema que percorre as páginas deste livro: a obra da liberdade enlouquecida tem uma estratégia precisa, porque tem uma direção mundial que a guia e governa. Que estratégia? A estratégia do Grande Inquisidor de Dostoievski. Ele diz a Cristo: «Tu prometes liberdade; eu dou-lhes pão. É a mim que seguirão». A estratégia é clara: dominar o Homem aliando-se ao seu instinto básico. O novo Grande Inquisidor não mudou de estratégia. Com os factos ele diz a Jesus: «Tu prometes alegria no exercício sábio, justo e casto da sexualidade; eu prometo prazer sem nenhuma regra. Verás que me seguirão a mim». O novo Grande Inquisidor faz escravos mediante a miragem de um prazer sexual completamente privado de qualquer regra.

Se, como penso, se pode partilhar a análise de Gabriele Kuby, a conclusão é só uma. Acontece o que Platão tinha previsto: a partir da extrema liberdade nasce a tirania mais grave e mais feroz. Não é por acaso que a autora fez desta reflexão de Platão o tema de abertura do primeiro capítulo. Uma espécie de chave de leitura de todo o livro.

E o clero? Não raro me parece que se contentam em ser os assistentes desta eutanásia da liberdade. Porém, como ensina São Paulo, Cristo morreu para nos tornarmos verdadeiramente livres

Espero que este grande livro seja lido, sobretudo, por quem tem responsabilidades públicas; por quem tem responsabilidades educativas; pelos jovens, primeiras vítimas do novo Grande Inquisidor.

Cardeal Carlo Caffarra
Arcebispo emérito de Bolonha

PREFÁCIO

A expressão *gender mainstreaming* («ideologia de género») não é familiar para a maioria das pessoas. Por isso, elas também desconhecem o facto de, durante anos, os governos, as autoridades europeias e uma parte dos *media* terem vindo a submetê-las a um programa de reeducação cujo nome elas próprias desconhecem. O que essa reeducação pretende remover das nossas cabeças é um hábito milenar da humanidade: o hábito de distinguir entre homens e mulheres. Isso implica extinguir a verdade fundamental de que a atração sexual mútua entre um homem e uma mulher constitui a base da existência atual e futura da humanidade. Portanto, ela distingue-se de todas as outras formas de satisfação dos impulsos das pessoas, está sujeita a certas regras humanizadoras e a privilégios institucionalizados. Por fim, a reeducação pretende eliminar o belo costume a que chamamos *humanidade e natureza humana*, que se encontra estabelecido desde tempos imemoriais. Espera-se que nos emancipemos da nossa natureza.

A palavra *emancipação* significou em tempos algo semelhante a libertação. A emancipação da nossa natureza só pode significar libertação de nós próprios. O conceito de *liberdade política* foi cunhado na Antiga Grécia e inicialmente significava permitir que as pessoas vi-

vessem de acordo com os seus costumes. Tirano era quem impedia as pessoas de fazerem isso, quem queria «reeducá-las». Este livro trata dessa tirania. É um livro esclarecedor. Ilumina o que está a acontecer connosco agora, os métodos que os «reeducadores» usam e que represálias aguardam aqueles que se opõem a esse projeto. E isso inclui não só aqueles que tomam parte na discussão, mas também, como mostra este livro, todos aqueles que já defenderam a liberdade de expressar a sua opinião sobre estes assuntos numa discussão aberta.

Durante anos, em toda a Europa, a discussão foi sendo cada vez mais silenciada em nome do «politicamente correto». A alguém que se desvia da mentalidade dominante não se mostra, de forma racional, porque está enganado – diz-se simplesmente que não deveria fazê-lo. O que está por detrás disto é um relativismo em relação à verdade. Afir-mar a verdade é considerado intolerância, embora o oposto é que seja verdadeiro. Afir-mar a verdade significa sujeitar a opinião duma pessoa a testes discursivos. Se não há verdade, não podem existir tais testes. Consequentemente, as discussões são apenas lutas de poder veladas nas quais uma opinião não é verdadeira ou falsa, mas dominante ou desviante, e neste último caso conduz ao ostracismo. Naturalmente, a verdade não surge do discurso; é apenas testada por ele. Mesmo antes desse teste, é verdade e intuitivamente convincente.

Ouvimos dizer que nos jardins-de-infância londrinos – e nos suecos, que são considerados especialmente progressistas – é proibido o uso das palavras «pai» e «mãe», que devem ser substituídas por palavras neutras do ponto de vista do género. Chegam-nos notícias semelhantes de gabinetes governamentais austríacos. Isto provoca reações que vão desde um abano de cabeça até à indignação, principalmente porque as pessoas não autorizaram os seus representantes a reeducá-las.

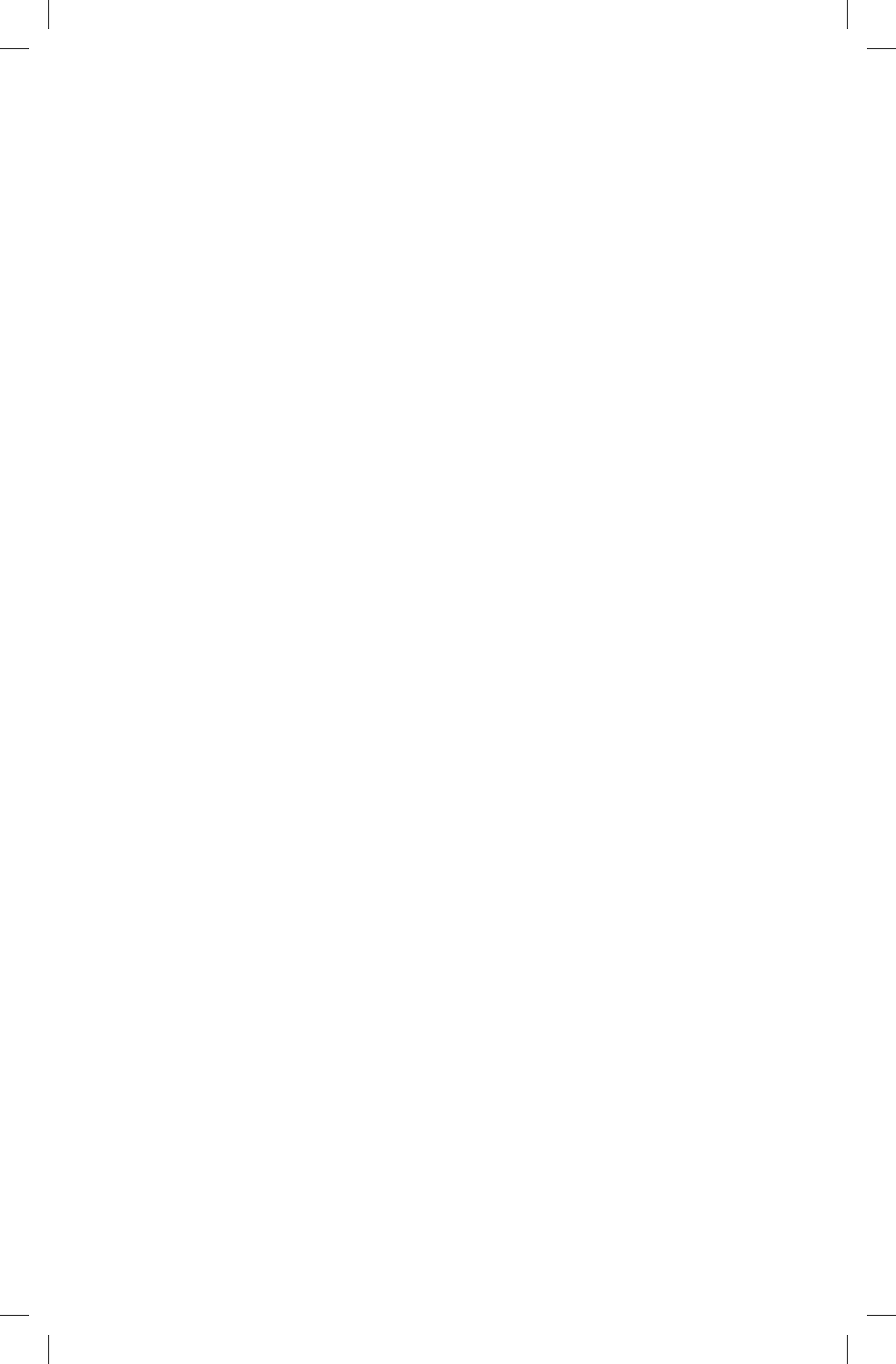
Qual é o motivo desses absurdos? É dito em alto e bom som: as crianças a quem foi imposta a adoção por um casal do mesmo sexo não devem sentir que lhes falta algo que os outros têm. Dado que já não existe o conceito de anormal, o conceito de normal é um tabu e é colocado sob suspeita ideológica. No entanto, a normalidade é o que constitui todas as coisas vivas. Na natureza inanimada – isto é, na física – não há normalidade, mas apenas leis rígidas. Por outro lado,

onde quer que haja vida, as espécies procuram cumprir a sua natureza de uma determinada maneira. E essa mesma natureza que os leva à realização pode perder o seu objetivo. Como escreveu Aristóteles, pode haver «erros da natureza». O instinto de ensinar filhotes de leão a caçar faz parte da natureza da mãe-leoa. Sem isso, as crias não seriam capazes de sobreviver e, conseqüentemente, não haveria leões. A ausência desse instinto é, portanto, uma anomalia.

O conceito de normalidade é indispensável quando se trata de lidar com processos vitais. Os erros neste âmbito ameaçam a vida da humanidade. Gabriele Kuby tem a coragem de mostrar que a nossa liberdade está ameaçada por uma ideologia anti-humana. E merece os nossos agradecimentos por nos esclarecer com o seu trabalho. O maior número possível de pessoas possível deve ler este livro, para que possam estar cientes do que devem esperar caso não reajam.

Robert Spaemann

Professor de Filosofia na Universidade
Ludwig-Maximilian de Munique



INTRODUÇÃO

O livro que o leitor tem nas mãos não pode ser lido sem uma reação emocional. A revolução sexual global afeta todos – homens e mulheres, novos e velhos –, a nossa existência pessoal e o futuro da sociedade.

As pessoas não são como os animais, escassamente programadas, quase sem instintos. Têm liberdade e devem decidir o caminho a seguir. Para isso precisamos de uma norma sobre o bem e o mal. A norma da sexualidade, que foi seguida durante séculos, está agora a ser destruída, ou em vias de o ser.

Diz-se que se trata de um progresso desejável em direção à liberdade, como se a liberdade individual subjetiva para fazer o que para cada um é agradável e fonte de prazer fosse o caminho mais rápido para a felicidade. Mas será que isto é verdade?

Olhem com rigor para o estado da sociedade: famílias desfeitas, mães ou pais a educar os filhos sozinhos, jovens com feridas emocionais e espirituais profundas. Vejamos também os dependentes da pornografia, os milhões de abusadores sexuais de crianças, os milhões de bebês abortados, e o nosso próprio percurso de vida. Se perguntássemos a professores, médicos, psiquiatras, terapeutas, técnicos de servi-

ço social ou de serviços de juventude, todos diriam que seria melhor evitar este tipo de felicidade como se fosse uma praga. Afirmamos que a juventude é a época mais feliz da vida, mas estamos a criar uma sociedade em que há cada vez menos crianças sorridentes e cada vez mais idosos deprimidos.

Tudo isto é claro como água. As causas são objeto de investigação e discussão, mas uma delas – talvez a mais importante – oculta-se por detrás de um tabu: a desregulamentação das normas sexuais que atualmente molda a sociedade. Devido ao facto de essas normas fazerem parte do «sistema operativo» da sociedade, todas as sociedades protegem as normas sexuais com penalizações sociais e legais. Se a monogamia sempre foi a norma, agora, sob a bandeira da igualdade e da não-discriminação, a lei está a promover a permissividade do hedonismo e da promiscuidade sexual.

O conto «O Rei Vai Nu» é uma metáfora engenhosa sobre o tabu que impede a perceção da realidade tal como ela verdadeiramente é. O tabu existe porque falar sobre a verdade implicaria colocar em perigo a estrutura de poder, que mais tarde ou mais cedo há de colapsar devido à sua negação da realidade.

Uns aldrabões convencem o rei de que podem tecer-lhe «o mais belo dos panos», que tem como impressionante característica o facto de qualquer roupa feita com ele se tornar invisível a todos os que «não são aptos para o seu ofício ou são imperdoavelmente estúpidos». Afirmar o óbvio – que algo que não existe realmente não existe – pode ser delicado. O rei não quer perder a sua posição nem revelar a sua estupidez e é assim que se deixa enganar pelos burlões. Toda a gente se deixa enredar numa teia de mentiras e todos afirmam ver algo que não existe. O rei fica numa situação difícil em que todos sabem que está vestido de mentira, e não de verdade. E só uma criança se atreve a gritar: «O rei vai nu!». A criança não tem um emprego em causa nem uma reputação a defender.

Neste livro, assumo o olhar de uma criança quando falo da corrupção do poder político. Trata-se de uma corrupção com um duplo significado: ao bem chama-se mal e ao mal chama-se bem, retirando às pessoas a orientação e a coragem para seguirem a vocação para o amor.

Descrevo a revolução sexual global preparada pelos pioneiros intelectuais da Revolução Francesa até à ideologia pós-moderna do género de Judith Butler, que implica:

- Destruição dos sistemas de valores herdados de todas as culturas e religiões;
- Apoio à agenda revolucionária por parte das elites políticas internacionais;
- Iniciativas totalitárias, como se vê no programa estabelecido nos *Princípios de Yogyakarta*;
- Imposição concreta da ideologia do género na sociedade a ponto de impor, por razões políticas, mudanças na linguagem;
- Epidemia de pornografia da qual as crianças e os jovens já não podem ser protegidos;
- Movimento homossexual como motor ativista que impele esta revolução.

Ainda que alguns aspetos importantes deste movimento já não possam ser discutidos sem que isso implique um severo ataque pessoal, apresentamos num capítulo abrangente investigação científica sobre a realidade da vida homossexual e sobre as contradições internas da agenda homossexual.

Um capítulo específico ocupa-se da posição cristã sobre a homossexualidade e de como a Igreja lida com as exigências do movimento.

O capítulo intitulado «Sexualização das Crianças e dos Jovens Imposta pelo Estado» apresenta detalhadamente o modo como a educação sexual obrigatória nas escolas inicia ativamente as crianças e os jovens numa sexualidade hedonista, de modo a que os valores que tornam possível o casamento e a paternidade não sejam ensinados.

No Capítulo 14, «Intolerância e Discriminação», dou exemplos de como a revolução sexual culmina com um ataque às liberdades democráticas fundamentais e é dirigida especialmente contra os cristãos.

Mas há esperança. No penúltimo capítulo descrevo a resistência crescente contra esta revolução cultural.

Tudo isto nos leva ao capítulo final e à preocupação real da obra: advertir contra um novo totalitarismo que está a destruir a liberdade em nome da liberdade.

Somos contemporâneos de uma revolução cultural que alcança todas as casas e todos os corações. Não há território neutro para onde possamos fugir. Esta revolução aumenta a sua velocidade e a força do seu ataque às liberdades democráticas de dia para dia. Este livro, que foi originalmente publicado em setembro de 2012 na Alemanha, foi alvo de atualizações a cada nova edição e tradução. A edição portuguesa baseia-se na tradução inglesa, a qual, para a segunda edição australiana de 2019, foi detalhadamente revista e atualizada.

Agradeço à Fundação A Junção do Bem, e em particular a José Veiga de Macedo, o apoio generoso e indispensável à publicação deste meu livro que adere à beleza da proposta cristã para o homem e para a mulher; e ao meu editor Henrique Mota, da Príncípia Editora, por incluir este livro na chancela Príncípia. Agradeço também à minha tradutora, Maria José Vilaça, por ter aceite a grande tarefa de colocar em português este livro, na qual investiu não apenas a sua inteligência e sensibilidade para a linguagem, mas também o seu coração.

Tem sido verdadeiramente milagroso ver este livro publicado em inglês (Grã-Bretanha, Estados Unidos e Austrália), italiano, holandês, espanhol, sul coreano, chinês (Taiwan), croata, eslovaco, húngaro, polaco e, agora em português^{NT}, com traduções em búlgaro e russo em preparação.

O leitor tem direito a conhecer a postura da autora. Como socióloga, observo as tendências do desenvolvimento da sociedade. Como mãe de três filhos, dedico-me ao futuro da próxima geração. E como católica (desde 1997), esforço-me por viver aquilo em que acredito. Isto inclui boa vontade para com as pessoas, ainda que não partilhe as suas convicções e que elas não partilhem as minhas.

Gabriele Kuby, 2018

^{NT} 1. Todas as citações da Bíblia na presente edição foram extraídas da versão portuguesa da Difusora Bíblica, conforme consta no *site* <http://www.paroquias.org/biblia/>, consultado em agosto de 2018.

2. Em relação às obras citadas em notas, também apresentamos, sempre que possível, a referência da obra em língua portuguesa, embora a nossa tradução tenha sido feita a partir do original inglês.

3. Em todas as citações de documentos do Vaticano optámos por citar o texto conforme está publicado no respetivo *site*, <http://w2.vatican.va>, consultado em agosto de 2018.